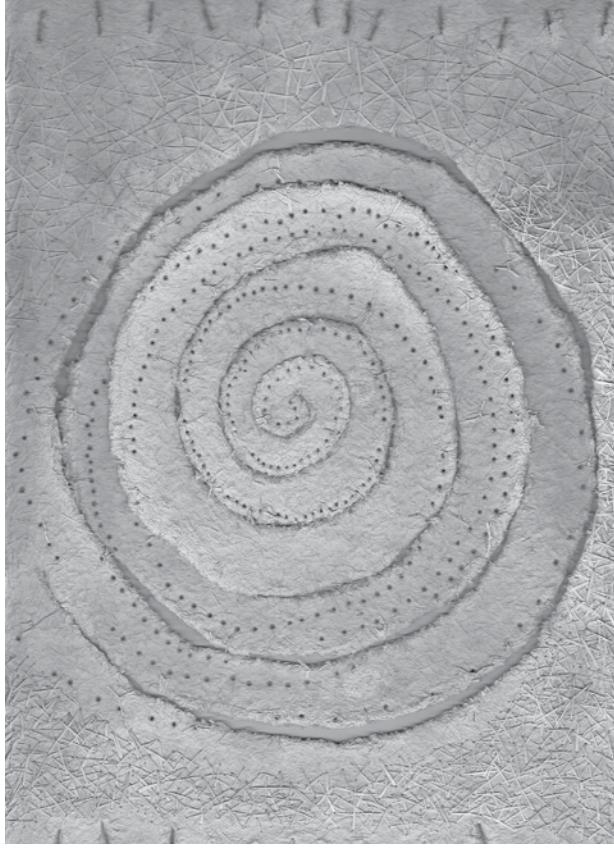


O DOENÇA E A CURA A DOENÇA E O CURA Rodolfo Magalhães

O DOENÇA E A CURA A DOENÇA E O CURA

MAGALHÃES, Rodolfo. O Doença e a Cura, A
Doença e o Cura. Belo Horizonte. Rodolfo
Magalhães, 2009. 88p.

Rodolfo Magalhães



O DOENÇA E A CURA
A DOENÇA E O CURA
(ficação histórica interiorana)

"Não seremos confundidos para sempre"
(te deum pos inconfidênci)

Me chamo também "A Desgraça"
e meu nome negado em sua boca
não lhe será confortável
não lhe será breve nem passageiro
não contento-me preso
menos entre lábios
não guardes muito
pior o hálito quanto mais antigo

- Há lá! A cidade que será sua nova casa.

Desacelerou o carro para que a vista não se perdesse como paisagem
rápida. Encostou a margem do cascalho ainda no topo. Desceu pra ver.

Dentro do carro A Doença ainda olhava pela janela lateral. Correu a abrir-lhe a porta. Pisou pela primeira vez a nova terra um sapato lustrado, de mau gosto mas de uso comum entre os homens que trocam o gosto pelo adorno das posses – como o resto das vestes, devia valer um pouco mais do que vestem aqueles nascidos para a sola deste sapato ridículo. Não é aí o nó. Não era pela aparência que A Doença se fazia incubar.

De pé e todo silencio ao seu redor – não quebrava o vento a bufa – já de longe mamou as tetas da cidade e pareceu-lhe que as montanhas em volta eram todas bundas prontas a enrabar, a alisar, a lamber com os beiços espumantes de sua saliva constante acantonada nas quinas da boca. Em silencio, A doença bailou a língua sorrindo dentro.

Seguiram. Chegaram. Viu todos os cômodos, e obras, e objetos, e também alguns do lugar, mais que todos, amou as tetas e enrodilhou-se debaixo delas satisfeito de leite talhado e do excessivo doce daquele areal que já foi mel. Entre os dentes murmurou A Doença achando-se acolhida: "Tudo isso será a minha casa".

Comeu. Lambeu.

Aquilo que mal se cerca, melhor corresse livre.

Veio a noite e não dormiu procurando na nova morada o lugar de seu altar. Num quarto do andar de cima, passando pela sacada – de onde via as bundas anoitecidas – achou uma porta trás um armário, e dentro do cômodo um outro cômodo: ali viu o espaço para suas operações – subtrair tudo que pudesse valer-lhe aos propósitos, adicionar gorduras e posses ao seu apetite, dividir em pedaços os que inteiros podiam lhe combater, e enfim, multiplicar, amplificar, redundar, esparramar e confundir pela sua Palavra – este era o modo contagioso usado pela Doença para se instalar. Gostou do cômodo dentro do cômodo debaixo das tetas, enrodilhou-se e encastelou-se. Entre os lábios pensou:
"Faltam umas antenas para adorar minha fronte"

Não que a cidade fosse sã antes que lhe apossasse esta Doença. Tinha já seus males instalados principalmente nos intestinos onde bailavam soberanos castas antigas de vermes menores.

Pobre lagarto enfermo, distorcido em novos bairros, canceroso em doações, gangrenado nas vitais instituições, regido na razão por uma enorme solitária.

Solitário engenheiro trancado no cômodo dentro do cômodo, desenhando passos e a quem lhes infringir, calculando passos e com que força pisar, Ah com que paixão se entregava a estes labores, quantas engrenagens faziam musica em sua cachola noite adentro, que maquinções seriam mais belas que aquelas, Ah bundas vizinhas de meus olhos, serão minhas, Ah tetas eretas ao céu como te amam meus lábios.

*Navego bobos
E assim devo
Puxá-los pela mão (muito grossoiro, maquinou a doença)
Se navegamos cegos
Melhor darmos as mãos (melhor, mais convincente, positivo, boa frase para se usar guardou a doença).*

Aos domingos – não porque gostasse, senão por necessário – saía a luz da manhã a Doença, jogando blás blás em auriculus ocos, cevando bacilos, chocando seus coccus. A ninhada tão mansa crescendo a seus olhos dava até gosto – nem o sol tirava-lhe a graça daquela desgraça. A noite em seu cômodo cômodo enrodilhava-se feliz, espuma nos lábios, bejava

seu próprio cu e conseguia até dormir – desde que não lhe acordasse os dentes da engrenagem bruxuleando novas belas visões: "Corram bacilos, tragam aquela bunda pois já é minha."

Sonhou com ondas, gostou-se de ondas: "assim vou mais"

- Teste... som... sssomm.... a...a...

- Muito bom

- Muito bonito

- E envolvente também

- Ó Ó desinfeta desinfeta que A Doença vai falar.

Tomando o microfone nas mãos sussugou entre a língua e o palato: "A falo eletrônico encantado, que minha baba ignora e não cessa de funcionar, permanece teso em minha mão, nem brocha ante meu hálito e o fedor das minhas palavras". Raspou a garganta e emendou:
- Bla bla bla.

Olhando da sacada noite alta viu – muito a contra gosto - que as tetas murchavam: amanheceu seus bacilos e ordenou-lhes que passassem nova tinta:

- Sim ficará bom.

- E muito bonito.

- E por certo mais gostoso pra se mamar.

Pintaram as tetas de creme holandês (de prata as antenas espetadas na fronte).

Senhoras e senhores, qual é o próximo ato?
Que tal: Como ser mau do natal ao carnaval.
Boa. E o propósito é mesmo juntar o joio e o trigo.

(lapso – enoja narrar)
Eu sou a hora da pausa
Abrir e fechar

NO serpentário
estão ali
prestes uma em
trocar a pele
rejuvençude
maturidade
em pele nova
veneno velho ficou no sapo
(...)
e depois será banguela

O TESTEMUNHO (pois vi sim...)

Segui o cão. De longe, olhando o grande perfil destacado em negro contra as pedras da rua. [mijou num perigoso território]
Circulei o quadrado talhado em pedra apontando pro céu, desenhando um círculo no chão.

Ainda vi o cão dobrando a esquina.
Atravessei três quadras. Parei num bar desconhecido. Abri uma lata. Coloquei outra no bolso.

Retorno três quadras, em outro passeio. Tangencio. Traço reto até uma poça d'água que reflete as luzes incrustadas na pedra – que antes apontava o céu, agora deita-se em terra. (água). Tangencio. Reto dou numa esquina de vento, defronte minha casa. Ainda tenho o que beber na lata. Sento em um banco. Observo a rua. A casa em frente estraga o quarteirão. Acendo um cigarro. Relembro a outra lata no bolso e instantaneamente retiro dali para o banco, ao meu lado esquerdo, no direito ainda um resto da primeira lata. Bebido. Amassada. A fumaça subindo daquele estranho altar. Percebo um estranho que vem com um caixote na mão, apenas uma calça curta, clara, descalço, velho, negro e falando sozinho. Disposto a nenhum inconveniente, fixei-me meus olhos em nada e tentei o invisível. Falhou. O homem estava já perto. E pedia-me a latinha vazia. Apenas em gestos simpáticos e comedidos estendi e coloquei a lata onde ele apontava: junto a um boné dentro do caixote (de alho). Antes que ele se aproximasse escondi ligeiramente a lata cheia atrás de meu casaco. Já saindo ele percebeu, voltou-se e pediu a outra.

- Esta ainda cheia.
- Dá-me um pouquinho. Também gostaria da cerveja (?)
- Não vou abrir agora, como é que faz?

* Súbito estendeu-me a mão, ordenou-me que olhasse seus olhos, olhei, disse estranhas palavras (latim, praga), antes talvez perguntara: - Sabe quem eu sou?

E depois disse as palavras desviando seu rosto do meu, completou: - Ainda prefere Deus! - Em seguida, de novo sem solenidade nos modos:

- Deixa um golinho pra mim na latinha – apontando o local esconderijo atrás do banco.

Desceu. Resmungou: - (ainda) ... olha pro céu. Com certo desprezo por meus olhos voltados pra nuvem que passava pela lua. De longe ainda repetiu duas vezes: deixa um golinho... passaram carros, hesitei em abrir pois ainda longe ouviria o estalo – e poderia voltar para beber (e pedir). No quintal da casa fui bebendo a lata e guardando estes fatos. Decidi levar o resto e deixar atrás do banco.

Sabe quem sou?

Um demônio, eu sei.

(O demônio também foi um instrumento no jogo de Jó.)

Cansado do exibicionismo, de ver tanta a cauda aberta desfez das penas.

(a faxineira lavava a calçada eternamente)

Depois de dar-lhes a carne
oferecer os ossos
um dia varrendo penas
amontoados facilitam
teias de aranhas
tanto ajudam Tanto atrapalham.

Aprendi tanta coisa que não queria

Os senhores causaram mal
ora com laço
ora com troça
'a minha família
símios
atávicos
estávamos sempre antes de ti
merda dos telhados
das praças centrais
merdas que não ouvem sinos
não devem gostar
tolerem tolerem
meu te deum.

Não tolero
os que comem do grão que não cultivaram.
os que comentam notícias que não lhes pertencem.
(abomino) aquele que gosta de passar por isca, um longo tempo lavado
na água enlameada, enganchado cu adentro por outro ou por si próprio
(tendo antes espetado a vara na terra e, depois, saltado).
Pego a presa, é acabada também sua função.

Passo anos cultivando a tolerância. – e tudo fode. Pensa a pedra.

A CURA

E lhes digo: é possível
sim atingir o figado,
os rins daquele (fdp)
pois vos digo, pedras de
rins, urubus de fígado,
existe a cura. Fêmea
a qual o macho teme,
ou/e tenta se apoderar.
existe a cura, que um
silencio opera. E. (rejeita)
defeca (como) ópera dos
agonizantes, quando
recebem a notícia do
princípio da agonia.

Quando a fêmea chama
aos deveres o macho
que brinca de carrinhos
de banco imobiliário
de santinho.

A pedra espera espera espera. Até que sobre suas costas pesou o mau hábito das palavras abusadas pela Doença. Nem pesou-lhe o mau gosto, o mau intento, o mau agouro. Sensível que era a pedra tocou-lhe o mau cheiro. Velha pedra polida de tempos, presente em todos os lugares daquela cidade, usada em talhes diversos: de alicerce a adornos, sabida pedra removida dos íntimos daquelas colinas bundas, curandeira nata, base e cimento dos homens solvida em água. Diagnosticou: adoecera sua cidade (pelas narinas reconheceu a enferma).

Nem predicou a pedra, respirou apenas em todos seus fragmentos e logo foi ouvida na extensa teia mineral que a tudo cerca. Entendeu-lhe o sino e mesmo desautorizado aquela noite falou por todos seus primos metais. Involuntários tremores sentiu a cidade.

Rangemos, rangemos prédios e casas
Escuto seu tremor na sola dos meus pés

Profundo temor rodeou A Doença, quis, mandou, sapateou, espumava espumava. Correram bacilos torre acima carregando panos a amordaçar o metal. E tornaram-se sal ante o sino imóvel.

E, é claro, correr sempre para debaixo de uma asa que nos acoberte. Papai e mamãe sim, mas muito óbvios. Talvez marido, esposa, ou mesmo tio. Aquela que menos parecer. No caso da Doença, era fácil arranjar entre os bacilos bons crânios ocos e testas de ferro.

Nenhum cala a pedra – ouvia A Doença a frase oculta no badalar.

Abandonar o enfermo corpo ou morrer com ele. "Vá pro inferno" rangia a Doença "vá pro inferno."

Morrerão ambos: Olhe então a beleza da presa.

Go hell answer the Bell. Go hell.

Que raiva rodante sentia a Doença, pisava pisava o (piso real) chão de seu castelo... go hell... trombava as paredes ... go hell... menor ficava o cômodo dentro do cômodo, maior a espuma dentro da Doença, torcia, ameaçava, maldizia, excomungava, tentava enrodilhar-se tranqüila mas já seus lábios não alcançam o próprio cu.... go ... hell ... go ... hell...

E como terra peço: cresçam em mim as tuas raízes. (melhores, decentes)

Quebrem-se em mim suas ondas. (diz a pedra)

Não desrespeitam a mim, que nasci inteiro e velho, já cem gerações, sem outras vontades senão voltar ao ombro de um lugar de origem (como abelhas e marimbondos voltam às quinas das casas, aos ocos dos troncos, carregados de ½ sexo para fazer mel) ao ombro de um.

Chegaram, no máximo, à minha batata da perna. E nesse músculo duro depositaram suas sementes. Que eu lhes carregue o peso, até a próxima flor, até o ombro cadiño do mel.

A cura chega ao coração
do homem desatento.

que pisou sem ver
areias perto da
oliveira acesa.
o homem que agora
erra mais. Mais
facilmente. Nervoso e
cego, com brancos
do tempo que se
encerra. Erra. E
pisa de sandálias
perto do fogo da
oliveira. Pisa
perto, e nem
desconfia, que a
cerca já lhe
rasga nos braços
e quer rasgar até
os rins. Pedra de
cerca no meio do
caminho, não mais a
repetição. Se tinhás tanta
ânsia de novidades,
depare com elas,
mire-a nos olhos,

se estes não
tiverem um puro
areal. Sem cícos,
podes ver ou
já fostes liquidado?
Compreendes, é
rápido, vidinha,
(vidima) – não serás
mais centenária)
a cura não cuida
de tantos machos,
talvez prefira voltar
'a raça que tenha
mais pelos. Mas arrependem-
se dimensões tão grandes?
(viu algum homem
errado voltar confortável
e corrigir?)
acaso vistes homens
felizes à ré?
Qual admite?
Qual não teria o areal
nos olhos e pudesse enxergar?
Os verdadeiros de fé
foram abduzidos,
ou imersos homeocráticos.
A todos porém será

rápida a novidade,
frenética dançante
em meio ao areal.
"Vim beijar-lhe o
rabo, e moer a
pedra de meu nome"
Dizem, sem conhecer
as palavras.
Sem abrir os lábios.
Sem atenção.
Atenção.
O gesto está monitorado.
Tanto ou mais que a fala
ou o silencio.
Todos sabem. Ainda
que não vejam meio
ao areal.

ps - Aqui quebramos o quadrado. Observe as pedras do piso e os quadrados em curva, A estrela que busca a expansão em cada um dos quatro vértices. A duplicação de quadro como um espelho diz que os quadrados se repetem (provavelmente ao infinito). Este é um lugar que busca a expansão. Um quadrado curvo. No fundo a mesma coisa. Talvez os daqui tenham clareza da repetição:
12/12/1937 - "deixar gravado no pensamento das gerações futuras o traço principal da época caracterizado pelo sofrimento dos povos" (nada mudou)

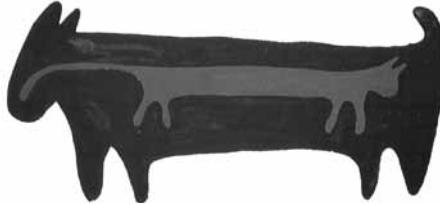


Houve um distúrbio em meu radar (pode ser a chuva de raios)
e em minha secretaria eletrônica surgiram ruídos assim.

Era verde minha vida
extasiou-se em meu peito
um ente azul
velho pequeno atrás de disfarce de homem
Não era humano ou extra humano
Azul apenas azul.

À porta de minha casa
como um presente – uma oferenda
Para com meu gosto adornar
Escolhi azul e branco
intuitivo amor à virgem

Poderia sim.
Minhas mãos em seu pescoço
(agonia) desespero animal
Não fiz.
Apenas o delatei.



O pequeno leão branco
Trazia no corpo riscos vermelhos
grafiainda secreta reconheci
tratava de atacar-me
com agudos dentes
furava-me carnes e lábios
atrás da tinta vermelha
da minha vida.
Pude esganá-lo.

Tudo pode ser um ritual
Perdido
- Um ritual a menos!

Eles acordam cansados
Disciplinados posicionam
Cumprem.
E podemos ser pernas de pau
Inúmeras vezes. Acertar na hora.

(um samba)
desculpem-me amigos, vou me
assentear
fora dos campos
não convocado
desbaralhado
eu vou passar

Por um campo de futebol – uma foice, um machado, um facão.
Tiro no pé, tiro na mão
Um rombo na cabeça.
Meu pai orgulhoso e triste de mim.

Desconhece as más virtudes vivas:
Ah minha raiva educada: não se manifesta, mas te fenda
ah meus olhos cansados: que (clichê) antigo
ah sintomas somatizados, como consegues matar tantos impressionados?
Cada dia decoro de merda meu poleiro. Hápenas para sentir-me em casa.

Obrigado vidro quebrado
onde passa o vento

A pressa:

Todos em busca do sorriso da velocidade

O táxi-lotação, careca de conhecer a avenida, borda e pinta(seus rastros)

Moto-tudo avoluma-se já na faixa de pedestres como cães em grades.

Menino de onze anos foge dos pais levando-lhes o carro a 200km/h

A cidade é cheia de ofensas
(onde olhe, adiante, atrás,
afronta, atrasa, espreita
o mau diagnóstico:
físico, sano, estético, social)
Numa dessas você toma pau

teclado que a gente não conhece
rato mais rápido que a armadilha

e vão ficando retos?
vestidos de graça com luz e sombra

retas?
Cadê minha favela meu morro barroco?
Cadê o quede?
Lê mistura com crê?

Migram os dentes para o telhado.
Trespassados e esculpidos servirão ao legista.

São lágrimas minhas
Escorrem de meus cabelos.

Consentimento
Aprendizagem
Constrangimento
Aprendizagem

Estão todos exauridos
Está na mão dos campos prover
A informação deve.
A informação deve olhar para os campos.
Se a água não mover a areia, fracassamos.
O que era básico conhecerá a outra ânsia do vício.
(cena comer, beber) antes o excesso
depois a escassez

Farpas antigas latejam tanto e um dia espirram

A rocha é uma
A roça é uma
A roda é uma

Para achar o norte sem depender dos olhos (o corpo sabe)



(Estrobo, arreio, barrigueira, baixeiro, ferradura, bridão, freio, relho, mucuta.
BULA: usufruir novidades velhas – chama-se o esclarecimento.)

Devolva-me as rédeas.

Os mata burros estão ótimos, as árvores do pomar podem ser adubadas e aproveitar essa época de chuvas, os porcos devem ser criados em esquema de rodízio, as árvores velhas já podiam ter sido cortadas e replantadas, tanto o pasto do açude quanto o do rio estão precisando de cuidado. Talvez cultivar alguma coisa que valorize a terra. A praga que vi nos dois é perigosa cresce e gera troncos que são tirados com muito trabalho. O melhor é eliminar agora. Lembre-se a época de chuvas favorece tudo.

(o brado do miúdo pisado)

- Sabe que uma praga dessas não morre. Soltam estolão, vários, muito, na seca, no frio, rachando sol, infiltram-se, e rebrotam, (Ah botânicos expliquem-me: pq não posso chamar isso de praga?)

Daninh! Danos e perdas na paisagem que havia pensado – no sonho talvez não era assim, perfeito, devia ser savana, cerrado, pasto, cinza, seco. Danos e perdas na existência que havia sonhado, e pensava que era possível. Assomem-se vós que somos iguais. Não éramos todos crédulos de tantas possibilidades, como dane-se assim? Danem-se? E minha raiva, minha raiz, ficará sem espaço?

Tem uma casa de três quartos, banheiro, fogão a lenha, uma bica que deixa água na porta da cozinha, galinhas, mata grande olhando pela janela, rio, vassouras, pedras, tulha, galinheiro, ferramentas, punhados de semente enrolados em papel, garrafão de pinga, cerca, vaca, mata-burros, chove com uma freqüência boa, a terra, inclinada mas não muito, peixes pulam no açude, luz elétrica, bambu, um tempo longo que ajuda a fazer todas as coisas (o tempo, a faca de dois gumes, ele também cuida da autonomia das coisas e conduz ao descuido), tijolos, um filtro com água, lenha, facões de poda, pedras que servem de banco quando for preciso descansar, cabos de enxada, balaios de por ovo, arame, sol, panelas de pedra, um ruído de bolhas quando a água cai na água, um revezamento de pássaros no céu, taiobas, alecrim, erva cidreira, madeira para cada coisa, faz falta um cão, que saiba respeitar as galinhas - mesmo as pequenas ganizé, - telhados firmes até para as vacas, xícaras dependuradas em pregos, e pregos para prender suas construções. Às vezes chega um carro, que pode ir para cidade e de lá voltar com sal e os mantimentos necessários. Cumprimenta o homem que passa no carro e firma a mão na terra.



No porão da casa da fazenda, onde se via o viés das grandes tábuas do chão da sala e dos quartos, prenderam cravos disformes nos esteios, e nesses cravos dependuravam-se como se fossem ganchos de açougue patas de veados caçados cem anos atrás. Nada mais firme que essas patas, que não desdobravam os punhos ou cotovelos mesmo com o peso do mais forte tio. Eram nesses ferros embalsamados que se prendiam os arreios. Nada mais certo e intuitivo, afinal foram nos cavalos que desembestaram a corrida atrás dos veados, foram nas freadas bruscas e nos voleios que se encurraram o pequeno animal, quase um tucura desobediente no pasto, foram com os pés e mãos desse meio mangalarga que se fez a festa da caçada, menos pela caçada do que pela festa.

Arrear o cavalo exige duas forças, a de jogar o arreio no baixeiro sobre o lombo do animal, feita quase de uma vez num único impulso, e depois apertar a barrigueira forte, mas suavemente, para que ela não ceda durante a cavalgada, nem machuque o cavalo como uma cinta puxada demais.

Desça pela porta da cozinha até o paiol, lá escolha uma boa espiga de milho, seca, com as palhas arrebatando sob seus dedos, vá pela estrada até a beira do pasto, nesse caminho já ter virado as palhas todas para trás e deixado sobrar o amarelo do milho nas vistas do animal. Perto da cerca, bate a espiga num mourão firme, com força e compassado, nem tanta força que esbugalhe o milho. Na terceira, quarta batida, o cavalo que já olhou, de orelhas em pé, desce em sua direção. Cruze a cerca,

estenda a mão. Movendo os lábios como uma suave torques, ele lhe tomará das mãos o milho, e vai mastigá-lo demoradamente (o gosto desse milho em sua boca é alto e descansa os ouvidos). Passa a mão em seu rosto longo, desce pela crina e sobe em seu lombo. Em pélo mesmo. Quando ele devolver ao chão o sabugo liso e o chumaço de palhas, aponta o caminho e a marcha, dando-lhe indicações com a mão estendida tocando seu rosto 'a direita ou 'a esquerda, tocando com a perna arqueada o couro firme deste animal.



As tábuas das porteiras são madeiras não tratadas, mas boas e, raras vezes, não firmes. As farpas se estendem com o tempo, mostrando longos fios alinhados que não ferem ninguém graças a seu tamanho excessivo. Existem madeiras mais lisas, que parecem tábuas de curral lustradas muitas vezes pelo couro pesado e quente dos animais que nelas esbarram. Em muitas entradas de fazendas, a mesma marca que distingue o gado é queimada na madeira da porteira, e fica no tempo cicatrizando vagarosamente, mais lento que no lombo dos animais.

Abrir a porteira pela primeira vez sem descer do cavalo é um sinal da maturidade, da competência, da segurança. Mesmo que tenha se engastalhado um pouco, que o cavalo desobedecesse ao comando (o cavalo não desobedece, apenas não entende os comandos desajustados de um principiante), deixando a porteira fechar sem tê-la cruzado e, assim, obrigando o recomeço da manobra. Abrir a porteira e passar uma vez, depois outra, e uma outra na qual nem se esbarra a perna na tábua farpada, eis que abre-se a porteira já sem reduzir a marcha, como mais cedo ou mais tarde ir acontecer com o barranco que precisa ser subido ou o córrego a ser atravessado ou saltado. Esses pequenos obstáculos do mundo dão uma vitória modesta, por isso mais valiosa, porque não é preciso contá-las para ninguém, apenas repetir o gesto e ter o abono de ter transposto. Apenas o cavaleiro e o cavalo gozam a agilidade da transição.

Antes de uma porteira, diminuía a marcha e aproximava mais devagar do mourão de encosto. O cavalo já trazia seu corpo emparelhando na cerca, sem contudo prensar a perna do cavaleiro entre a cerca e seu lombo arredondado. Um passo adiante parava, montado, o cavaleiro dobrava o corpo puxando a tranca e abrindo um pequeno vão de passagem. O cavalo sabia o tempo curto que tinha para enfiar a cabeça, aproveitar o empurrão dado pelo dono na porteira, e atravessar antes que ela voltasse, batendo com força e, nessa volta, fechasse por si só a tranca, enquanto cavalo e homem já iam pela estrada retomando a marcha.



Na verdade, não há apenas um lugar específico, antigamente tais lugares misteriosos multiplicavam-se em cada grande fazenda. Na beira do mato, uma picada, batida também por filas de gado que cruzam essa beira no fim do dia.

De um lado o mato, do outro um barranco firme, rochoso, que parece com os anos não ter sequer mudado a cor.

Eis que os cavalos que à beira desse lugar chegavam, carcavam as mãos e davam para trás, como se ali vissem algo desconhecido e tenebroso, como se ali fosse uma via por onde nunca se deve passar, pois andando em diante teriam o mal pelas costas ou apertando-os num desfiladeiro, era melhor ser prudente. Era melhor poupar o dono (até, mesmo porque que mal poderia sofrer um cavalo vindo de forças desconhecidas?).

Pouco se tem ouvido dessas histórias, de certo porque não existem mais tantos viajantes avulsos, raros cruzam províncias a cavalo, raros admitem a sensatez do animal, e, por certo, acabam forçando a marcha e se embrenham no desfiladeiro, seguro de que nenhum prejuízo terão a seu corpo (e a alma nem questionada).

É preciso ter subido nos pastos, e ter encontrado pelo vôo dos urubus, a vaca parida antes da hora e um bezerro macio, com mais pele que corpo - como se fosse uma manta, ter compreendido o desespero da mãe, ganhando-lhe a confiança, e depois assentado no arreio, dividindo o espaço com aquele filhote para retornar ao curral, seguido pela mãe precoce, frustrando os urubus. É preciso esse cuidado diário, para sentir o andar macio do cavalo, descendo o pasto seco e desnivelado, tateando a calha da erosão com tanta firmeza que embalava mais o bezerro (chamado agora de Veludo) que se talvez fosse uma criança.

Quando cruzava a divisa a pé voltava um passo e mudava de estado. Em menos de um segundo, no espaço pequeno de um metro, trocava o governo, o relevo, as piadas regionais. No fundo não fazia diferença nenhuma. Eram terras familiares, há meia léguia da sede.

Quando cruzava montado no Queimadinho, um cavalo cinza, preto chapeado, vencia uma corrida invisível, que também não tinha competidores e apenas um único objetivo, varar a linha da pedra da divisa, rápido e inclinado, como se fosse um jóquei, mordendo a linha de chegada apenas com uma cabeça adiante do adversário.

Até um cavalo vai parar de correr.

Lembro-me de um pastor alemão, idêntico a todos outros não fosse a intimidade que celebrávamos. Buscava paus jogados no açude e vinha molhado devolver-lhes à minha mão, como se fosse um pertence. Chacolhava seu pélo molhado, respingando-me de seu cheiro forte. Não poderia nunca reclamar daquela água, molhava-me apenas pela proximidade cotidiana que vivia do cão.

Da janela da casa, meu avô lançava um assobio após o almoço. Já esperava essa ordem o cão deitado no terreiro. Levanta-se antes do assobio, cruzava o ladrilhado, corria pasto acima e trazia as vacas em fila, às vezes escapando de uma investida mal planejada contra sua esperteza. As vacas paravam na porteira do curral. Meu avô saía a porta da casa, montava em seu cavalo e batia em seu lombo vagarosamente, não para que ele andasse e sim para que o cão já retornando, subisse em sua garupa e percorresse ao seu lado a pequena distância da casa até o retiro.

Cavalo não pisa em cobra? Também se pisasse muito mal não lhe faria. É deles que tiram o soro.

Nunca soube de cavalo morto por picada de cobra, lembro-me de vacas e bezerros.

Também as vacas e bezerros morriam por causa de um raio. às vezes seis de uma só vez. Era uma perda de muita tristeza na fazenda.

A porteira batendo avisava que alguém entrava no terreiro. Quase todos os cavaleiros deixavam voltar pesadamente a porteira que rangia e estralava longe anunciando sua chegada. Era uma forma de não ser totalmente intruso. O cachorro latia uma vez, três no máximo. Todos são conhecidos. Mesmo assim, por segurança, ninguém desce do cavalo antes que apareça o dono da casa.

Pela janela, via chegando um vizinho (de perto ou mais distante) que batia cascos lentamente no chão ladrilhado, trazendo no lombo um saco branco, dividindo em dois a porção guardada para garantir equilíbrio na borda do arreio. O que vinha era milho novo, pra ser trocado por fubá moído nos fundos da casa.

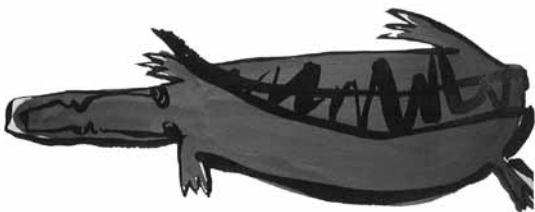
Cumprimentava-se, marcava-se o dia seguinte para buscar e ignorava-se na conversa aquilo que antes uma vez já fora combinado: uma parte do milho ficava na fazenda, pouca coisa, mas era a taxa simbólica da moagem. Se o moinho estava vazio e o visitante merecia mais atenção, moia-se imediatamente. Nessa hora, o cavalo era aproximado de um mourão plantado a porta do seleiro, onde havia um cocho e uma banheira de água corrente. Enquanto o animal descansava, desciam os compadres pelo pomar, cruzavam o córrego que alimentava o moinho, escalavam a escada de pedra até a construção modesta, que era a casa da mó.

O tempo da pedra girando, três grãos de milho caindo por vez, o pó fino brancoamarelado do fubá escorrendo por sobre a pedra no caixote de madeira lustrada, o tempo da conversa na sala ou na cozinha, do café, talvez dos bolinhos de chuva, era o tempo silencioso do cavalo olhando

a casa, o terreiro e o cachorro deitado ao seu lado, ambos educados na paciência e uma servidão cúmplice.

(O cavalo que sabe tudo que faz, dosa a medida da ousadia com a docilidade, porque sabe o dono que tem e sabe bem o que ele merece. O bom dono merece do cavalo que ele seja um bom cavalo)

Ouviu um relinchado forte pela janela da cozinha. Os gritos dos animais são sempre conferidos. Como as galinhas que fazem coro assustado e correm pelo quintal quando aparece um lagarto. Pela janela, dois cavalos se estranham e se insultam anormais. O mais belo deles já vivia naquele cercado e se atira sobre o outro mordendo suas orelhas e pescoço. As pernas se agitam mais do que a agressão visível, o corpo trava e volta. Apoiado nos pés o animal se levanta medindo-se mais forte que o outro. O outro, intruso e assustado mal reage, mostra seus dentes, ameaça uma corrida, mas é apanhado antes de concluir qualquer movimento. O cavalo inteiro dá mais um sinal. O outro se afasta, e logo será retirado daquele pasto.



Com oito patas esse animal traçava o desenho de um rio para subir uma montanha.

Multiplicavam em seus oito olhos as diferenças extremas do modo de ver. Pares imaginavam ver o prato farto na frente dos olhos, sempre garantido com um esforço constante que não pesa.

Outro par via o brinquedo daquilo tudo e até seu próprio corpo era também.

Os quatro restantes viam névoas, sem cores, com uma nuvem de ar quente nos primeiros metros. Sabiam apenas o caminho, pelo cheiro, pelo intuito, graças a um comando alheio que tomava as rédeas e conduzia.

Quando voltei meus olhos pro lado contrário do sol vi a boiada correndo e no meio dela um cavalo incompleto, selado, com rédeas soltas, reduzindo a marcha no intuito de esperar.

O cavalo sem o homem não era familiar.

Mesmo que o pasto brilhasse verde e alto, aquela cama que se tornara causou-me o susto e a ação.

Corria esperando ver o corpo do peão se levantando atrás das ramas, e mais eu corria, mais tempo se passava.

Imóvel na cama farta daquele pasto jazia a metade do cavalo, tombada sem razão. A boiada cedeu à corrida. Não foi cuidada naquele dia. O cavalo andou selado, por toda noite, roçando com suas patas o capim amassado onde dormiu seu dono.

(Pira era a égua que levava o peão)

Esmaga este grão entre os dentes
(a terra)
aqui pisaram várias vezes os mesmos homens
(botinas acetinadas de lama)

É uma vara descendo assustada pelo mangueiro, pisando o glacê da terra molhada ... beira do ribeirão e espantam girinos da margem, alguns perdem na corrente, outros na boca de um boi -, dessa teia que escorre enquanto rumina que se faz remédio para as feridas. É ventania que verga o bambual a vida inteira, como uma cabelo partido de lado, redemoinho teimoso que estrala virando lenha no fogão. São essas achas empilhadas as mais imóveis de todas as coisas, sempre tocando o reboco da parede da cozinha. Ficam os lagartos pelo quintal, rondando as galinhas nas laranjeiras, dúzias de frutas empenadas que se apanham durante a noite. Zé benzido de sobreiro, gritou alto demais um arranhão da barriga. Fugiram deles os porcos, correu devagar um sangue, pouco vermelho, amarelo, de pústula que ele trazia debaixo de uns panos mornos de sete dias atrás.

A estrada não é visível, nem se pode enxergar as fendas cavadas no chão pela chuva e pelas patas dos cavalos, descem pelo barranco raízes secas, teias de aranha e um animal que me assusta. (o soco do ar que isso me dá - dores no corpo, dores na arma presa na cintura)

Passo uma tarde cuidando da ave ferida
amanheço e piso-lhe os miolos.

Mais uma vez cabe uma pilha de grãos na frente de seus olhos, como um jogo de paciência - um contra ponto útil - separa sementes de abóbora de grãos de milho, bagos de fava e feijão.

São poucas medidas. Os grãos serão plantados, e se misturaram por um acaso de transporte instável e mal compartilhado.

Desce sobre a mesa um número desconhecido, de raças distintas, todos ou quase todos férteis, que gerarão um número maior, desconhecido também e novo.

Formam-se pequenos montes que cabem na concha da mão, fica uma munha sobre a madeira, galinhas esperam na porta as sobras que serão mesmo suas (sempre são delas as sobras, mas mesmo assim elas vigiam desconfiadas e aflitas. Que outro destino teriam os grãos rejeitados, restos de comida, farelos de mesa, senão as galinhas. O cão morreu atropelado por seu próprio dono)

Cavou uma terra na sombra onde deitou o corpo do cão, pequeno e mole. Deitando de lado o enxadão, puxou a terra, vagarosamente o cobriu. Será o mesmo ato repetido com os grãos. Quem dera deus nascesse dessa terra, além dos alimentos, um cão fiel e rápido, que soubesse fugir das rodas de seu carro velho, pudesse buscar no pasto o gado lento e administrar a tranquilidade das galinhas mantendo afastado de casa os lagartos que as têm devorado (talvez aí o olhar sempre de susto).

Sopra os grãos, joga-os em cuias, sopra outra vez, abana, a vida é muito fácil quando amontoada em dois palmos quadrados de mesa na frente dos olhos. Gradativamente se complica quando levanta a cabeça e tem a mira a janela, o pasto coberto de mato, o rio, o outro mato cerrado, o pasto, o

morro, os fios de eletricidade descendo pela terra do vizinho. É preciso um punhado de coragem, um pouco mais que o rigor na escolha dos grãos. No fundo a mesma coisa.

Os cães seguiam-me debaixo da chuva fina, andei uns passos na lama até encontrar uma terra mais firme que pudesse ser escavada. Apenas os cães rodeavam como na sala. Cavei uma cova rasa e olhei o corpo do pássaro antes de soltá-lo na terra. Há muito tempo não enterrava passarinhos. Os cães talvez revirem essa terra.

Esperar que estourem as sementes.



Faltam sementes dignas
boas
de germinar
por isto a falta dágua
a água não é boba
de ficar correndo onde pouco vale o que germinar
a dica para a semente:
é dormir paciente, paciente, quando pingar a água (depois de muito tempo) esticar a lingüinha e aparar o úmido que amolece e faz crescer

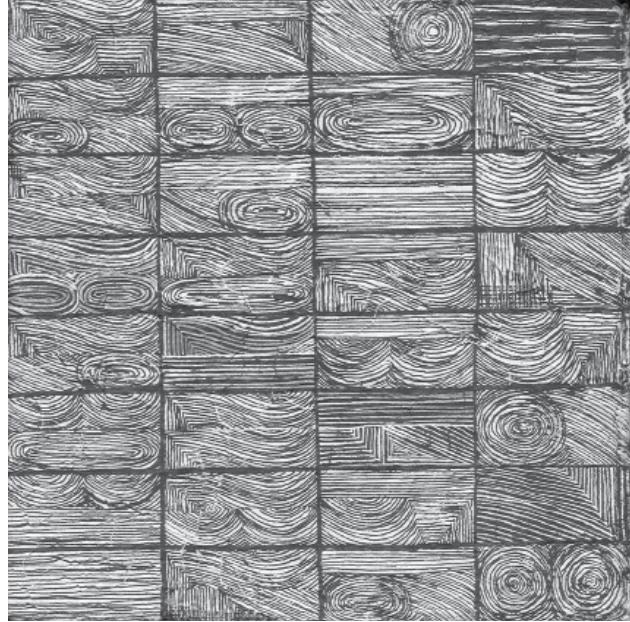
Eu que usei minhas botas até que elas não suportassem
mais e que meus pés já se houvessem queixado com meu
corpo, num telefone sem fio até os ossos da coluna

Parece que me desvendam. Mas quando me enchem de esperança a mata
que me cerca enche de doenças os troncos das árvores, e as trilhas de
gado giram entre galhos, mas não chegam até a água.

A ponte está em obras para suportar maior carga.

Há lugares vagos na minha mesa. O bom pasto não é apreciado por mais ninguém. Cansei olhando cada objeto adquirido ao longo da vida. Habitua-se à baba do cão e os relinchos dos cavalos. Custaram caro esses bens. As criadas mantém-os aparentemente úteis enquanto houver pagamento e tolerância diante de meu modo estagnado. Ter conseguido tudo exclui o bom. Até o que se pensa importa menos. O que se escreve pode ser jogado fora: Não serve como a comida que sobra na mesa e alimenta as criadas depois de mim, e os cães depois das criadas.

O tempo que fiquei na roça, parece que tudo descambou
A vaca nação
Chorou
Chorou
Caiu no laço
E se embraçou



RENATO E ALAVRA

Um homem que ama a pedra endurece com o passar
dos anos – até achar seu ponto de clivagem.

Conhecemos o personagem já maduro, transitando pelas atividades da mina rotineiramente, trabalhando em seu escritório-laboratório, interagindo apenas formalmente com outros da mina em situações de extrema necessidade. Percebemos que o personagem é respeitado no meio profissional, entretanto vive meio alheio ao mundo.

Fora da mina, RENATO é um estranho ser pouco social, que freqüenta um bar metódicamente, talvez alcoólatra.

Em sua casa, RENATO desenha plantas de corte da rocha, bebe, acompanha o noticiário e relembra fatos passados gravados em VHS (ou Super-8). Ao assistir estas fitas o personagem ajuda-nos a conhecer seu passado premiado e reconhecido.

Na verdade a angustia de RENATO é que tudo que planejou leva mais tempo para ser realizado que a curta duração da sua vida: ele jamais verá sua obra pronta.

Com a interferência de personagens secundários, tentarei neste roteiro resgatar RENATO, porém esta é ainda uma história com final aberto, preciso caminhar com ele para descobrirmos o que o espera. (REVER. ACHO QUE É TUDO BOBAGEM}

INSÔNIA

‘A noite escuto a sonda perfurando a cidade. Não passa. Pausa. Torna a trepidar. Broca brigando com a rocha. Isso rende há muito tempo. Ri a rocha da lerdeza do homem. Se fosse deus abalava tudo de uma vez. Não é. Fica esse feng-shui miúdo. Anos tirando a coisa velha do lugar. E espar-ramando pelo mundo. O útil onde deve ser útil. Meu subsolo carrunchado. Gosto, afinal, por essas câmaras é que vou descendo onde queria ir. Só vindo aqui para achar o caminho. (E tirar tamanho peso de minhas costas).

Sou um pragmático
farei da minha vida um círculo
uma ciranda de roda
sou um narciso
espalharei o que tenho de beleza
a tudo diante dos meus olhos
sou desnecessário
estaria bem sendo a pedra
no meio da pedra
num lugar que ninguém nunca foi

PORTRARIA DA MINA

Renato vai passar a catraca, o cartão magnético não funciona. O segurança fala:

- Sr. Almeida, o sr não está cadastrado para vir aqui aos sábados.
- Oras, eu sempre vim sábado, domingo... nunca teve isso.
- São normas novas, de gestão... (por exemplo controle de desperdício do restaurante)

(OS BUFALOS escavam a terra)

O homem como manadas de búfalos escavando a terra
Como cupins ruindo madeiras
Como elefantes tombando árvores
Como morcegos cagando em cavernas
E pombos nos forros das casas
Homens Gambás que entopem calhas e cortam a energia.



BAR

- Uai Sr. Almeida, chegou cedo hoje!
- (puto) Não me deixaram entrar na mina...
- Ará, hoje é sábado, todo mundo tem que folgar um dia...

(Renato bêbado)

– Parou de fumar?

- O carro passa da esquerda à direita das minhas orelhas na pista interna do crânio, hemisfério costas como um autoban na calota acustica.

- Posso ti falar... assombração as vezes ta do seu lado e o sr nem sabe. Não é no meio do mato, na roça, do lado da árvore, chega, mas não mete medo. Na conversa se percebe, médio, há que se combater, uma hora há. De resto é adiar, - recurso bobo...

SETOR RH

Conversa com RH:

- Almeida, a previsão inicial era de 70 anos, caiu para 35, daqui a pouco, com novas técnicas... antigamente você tinha alegria em saber que com 70 anos sua idéia estaria na prática...

MINA A CEU ABERTO

A mina funcionando. O barulho das britagens. Grandes moedores. (ressaca) (tira auricular, capacete)

As máquinas, as montanhas manipuladas superam em muito nossa medida. Trinta, quarenta, sessenta vezes um homem do meu tamanho, sou grande, mesmo assim uma pelota, uma pelota. Ao pé da montanha.

O cara está miúdo, absorto diante dos rolos britadores. Olhando a máquina girar. Outro funcionário passa e chama-lhe atenção. Está sem o protetor auricular.

Referencia de áudio - Radar tanta. (ei porque você não chora? É medo de se afogar!. Caso você beba. (músicas 6 e 7 do CD vermelho Rol)

RH

Mas adiante, numa entrevista de rotina saúde+psicológica+RH a médica pergunta-lhe:

- Você estava sem protetor auricular na linha tal...
- De vez em quando eu ouço a máquina. Pelo barulho sei se está bem.
- (estava desatento – repreende. Tem bebido?)
- (Eu queria encher o buraco/ a lavra) (com as mãos levadas ao peito)

MEDICINA

(Meu) Um coração delicado e molinho como uma gema de ovo.

No oculista:

- Que letra você vê
- (caracteres)... acho que são muros.

Minhágua – na vida – desturva lento.

Uso mudado da função:

o pulmão digere
o estomago respira
um estalo na coluna
tetania, músculos migratórios
para onde vão?
que novo arranjo me fazem?
destrava o maxilar
sobem ondas elétricas
'as temporais
outro estalo, destampa o ouvido
confio, conheço a voz
(ainda não entrego, vou beber, e dormir mais cedo)

MINA

Renato e gravidade da terra. Tempo lento e pesado da exploração mineral, grandes carregadeiras despejam minério bruto, imensos caminhões fora de estrada cruzam os caminhos vermelhos, sobem perpendicular aos taludes (que em breve estarão em outro lugar), a esteira passa rumo ao britador, pedras escorrem pela boca do britador abrindo um funil (como uma cratera de vulcão) perigoso – que tudo engole e tritura.

Diante tamanha grandeza/ não sou senão silencio.
O melhor que pôde: calou-se
Calar-se. Fazer, não falar.



BARRAGEM DE REJEITOS

Renato olhando a barragem de lama (rejeitos)

- Queria jogar essa lama toda lá pra cima.

- tem muito ouro aí ainda doutor.

(off - a lama é o ouro que preciso amigo)

(breve resumo sinóptico da história da humanidade)

O lodo

(onde tudo começa)

sair do lodo

limpar-se do lodo

esquecer o lodo

(começar)

nascerão os próximos limpos do lodo



CASA DE RENATO

À 1:11 da manha eu tenho fome (como tive às 7, às 15:30, às 18:00) Passa!

Diz-me algum gole.

Madrugada na casa de Renato. Renato bêbado acorda com o andar no assoalho sobre sua cabeça. Abre a geladeira, procura o de comer (qualquer porcaria serve), belisca algo e pega uma cerveja. Coloca uma fita no video-cassete. Afundado numa poltrona vê a gravação da premiação da empresa para os novos talentos (coisa antiga). Na gravação vemos Renato novo, radiante com o reconhecimento, cumprimentado por diretores e colegas. A possível namorada companheira de trabalho apaixonada a seu lado. Renato imóvel e bêbado fica vendo as cenas.

E veio a pergunta: Vamos continuar a dançar?
Repetidas vezes eu a fiz. (RENATO novo no baile)

O desgarrado
Ou tem a moeda
Ou é a moeda
Ou sabe a moeda
Daí come, vive, passa os dias.
Alguma posse tem
(nem que seja uma história)
O que não tem o desgarrado
É o lugar

Não arremesso
A pedra dentro da pedra
Num lugar onde ninguém vai

BAR

Almeida chegava no bar repetidas vezes igual: Grande, branco, barba branca, olhos brancos, roupas cinzas (a repetição). Construir a rotina do Almeida constantemente no bar, do mesmo modo sempre, sistemático, na mesma cadeira, bebendo e com olhar distante. Às vezes ouvindo conversas da mesa ao lado.

Este homem é o contrário
serve-se só
do que os bares servem na cidade
não se acoberta
limou essas conchas de sua coleção
nem guarda mais quinquilharias
exceto a pasta (ao lado em todos os bares)..

- Acho estranho quem não bebe sozinho. Sempre acompanhado no bar, não sabe beber sozinho? Dependência alheia. Nem conversa com a mesa vizinha. Aprenda a beber sozinho. Fuder sozinho. Cria vergonha na cara...

Renato ouve conversa como quem ouve rádio
Ouço conversas como quem ouve rádio

Som passa de uma mesa para outra. Bêbado numa mesa Renato conversa com alguém:

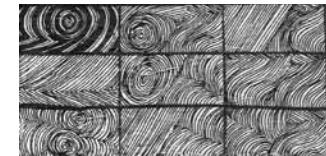
- "meu trabalho só fica pronto daqui há 70 anos... eu faço o que?

DOMÉSTICA

Lavadeira reclama que "esse doutor é muito porco, toda vez que lavo a roupa dele o bolso está cheio de lixo". Os bolsos guardam lixo para não jogá-los no chão.

PALESTRA

Almeida está num auditório com projetor explicando seu projeto de recuperação da cava, mostra gráficos, esquemas, fala. Ao final é cumprimentado por alguns, mas permanece inalterado, a organizadora comenta: "Foi muito boa a palestra Almeida, todos gostaram.." Almeida replica: "Sabe há quanto tempo faço a mesma palestra?"





CAVA ABANDONADA

O mato vai te comer (o vento, a areia, a água)
(renato ouvindo da própria mina)

- há quanto tempo o sr não vem aqui?
- (muito tempo, na implantação)
- Quase 15 anos então... ta bem diferente ne doutor!?
- (esta igual/ mais bonito que eu imaginava)

Renato vê o lobo.

Por opção parei o tempo
zelando por coisas arcaicas
apenas a esperar
terminar a colheita
então pudesse eu
com a pá e sementes
desenhar de novo o
que avistara

RESTAURANTE

Vemos a fila de entrada e dentro, um bandejão. Os funcionários comem, todos com uniformes iguais. Almeida senta-se isolado. Na saída, os funcionários passam pela balança:

- Não vai usar a balança?
- Tenho o mesmo peso há anos (não preciso pesar)

BAR

Garçom empilha cadeiras (desempilha?)

A mesa está vazia.
Lá vejo Renato.
Que já não está.

Olho e vejo o pobre coitado
arena de todos os erros
escolhas de imbecil
atos de um vaidoso
inconseqüente
totem de homem empedrado
meia bomba, meia vida
o avião, o avião
filho da fantasia
revejo: o pobre coitado
filho de fantasias
midiático, político, crente
equivocado
vestindo uma fantasia

Olho: a calça e a camisa
cinzas- uniforme
a barriga e o cinto – informes
a cabeça fantasiante – sem chão
e este toco empedrado

CARREGAMENTO

Renato em seu laboratório escuta o barulho da carga, levanta-se e vai ao café, de lá fica olhando o carregamento de minério passando na ferrovia. A cada 15 minutos o passar da composição sobre os trilhos pacifica e acalma Renato.

O verde inacabado

Incompleto

Acinzentado

Acidentado

O mundo ficou menor. Poucas cores. Nenhum humor. Só a repetição.

Estou na terra, alimentado de regalias por meu senhor. Estou na terra
sossego, sossego, sossego

(luto para não sonegar à terra minha instância completa)

BAR

RENATO, ouve conversa como quem ouve rádio. Interfere na conversa da mesa ao lado: "No futuro as pessoas irão viajar para ver chuva..."

Um outro freqüentador aproxima-se:

- Opa, ce ta bom?

(bêbado não reconhece)

- Achei que era um amigo, Pedro, desculpe...

- (Pedro, Pedro, Pedro ... virei Pedro agora...)

CABINE SEGURANÇA MINA

(diálogo de 2 seguranças monitorando)

- Não saiu ainda o 1638...

- É o cara de novo!

Renato ficou de novo ouvindo a lavra...

- Ele ta de carro?

- (muda seletor monitor) ta .. a Brasília lá ... até hoje...

BAR

Garçom observa a mesa vazia costumeiramente usada por Renato. Recebe outros clientes e os conduz até a mesa.

O garçom comenta sobre o fato de Renato ter sido roubado:

A história é:

É duro dar o trato

e por no prato

pro outro degustar

Cara de terno passa falando ao telefone:

- Manda enquadrar como estelionatário e manda prender."

A MOÇA VEM VISITAR

Renato ganha um presente:

- Eu sempre quis ter um guarda-chuvas só para abrir de vez em quando.

(química?)

Tudo é poeira

(sólido miúdo)

[se um outro estado se mistura]

Um outro estado se aproxima

(penetra, encosta, toca de todas as formas)

Criou-se algo novo

(de certo Renato entre secas e chuvas)

Hoje minha vida sexual é um mapa meu. Ali uma curva, uma costa, um pico, planura, alagado, pernilongos e gelo.

Derretimentos e fecundações

Geobiologia na minha pedra

Escultura que fui

Tateada por cegos.

MIRANTE

Renato observa junto a ex-colega a paisagem. A conversa dos dois (cheia de silêncios) é de um amor que não vingou. Ele aponta algumas coisas sobre seu projeto de recuperação da lavra. Ela tenta suavemente contrapor que a vida não parou e não se pode viver atado ao tempo da mina. Entram no carro, chegam ao escritório central.

- Elogio à devastação
depois, serei que planta?
nascida na canga, de novo
na canga?

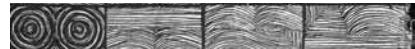
Do mesmo modo não! Já
mutado e escolado de
tretas antigas.

Aprendi.

Duro é não saber tudo
e escapar.

(para onde? Não me pergunte)

Porém, eis a canga
na beira do mar, rastejo, alastro
no mato, chacoalho, aviso.
Serei que planta.



São coisas antigas que continuam e independem da máquina
Que colham as lavras
E as cultivem
No tempo que for
O tempo certo
Na medida de tempo que usarem
Na medida de tempo que estiverem usando no momento

Enfio a faca na água há anos
(no final repete: há anos enfio a faca na água
há anos
até mirar minhas costas
e mudar o
já mudado
tão antes em meu pensamento

Concentre natureza, enquanto eu trabalho. É minha vez, estou atrasado!

- Não tenho que esperar o tempo da mina
- Logo começa o projeto (recuperação)
- Quase 20 anos
- E o tempo da rocha??...

Já me botou em espera outras vezes – longo tempo – um nada.
Estou aqui para esperar que venha a hora e me ocupe um outro/ meu
nome mesmo/ apenas mudado

Pobres coisas esperando
a vez
entrar na lista de prioridades
adquirir relevo suficiente
e saltar aos olhos alheios

Duro e cavado como a lavra
Renato estava.
Mole e moldado como a lavra
Renato mudava
Organizado e utilitário
Renato cumpria.

Façam-me de madeira
De barro e vento
Cusparado
No molde conforme e durável

REUNIAO

Reunião de diretores, Renato e a ex-colega – que se tornou poderosa. Falam em inglês, algum elogio ao trabalho de Renato. Ele apenas olhando a ex-colega. Ao fim, ela entra num helicóptero junto com um gringo.
"- Estou bem lá...(diz ela com os olhos)"

Vós que tornastes minhas vértebras em degraus. Não chegarão à altura de minha cabeça. Só dela terão os nódulos e as dores.

BAR

Não dá mais para cavar
a pedra é torta

importei importei
(dos mares da china eternas quinquilharias)
cervejas cervejas
bares bares
repetição
paisagem paisagem
repetição
conversas conversas
repetição
cansaço cansaço
(antes não tinha)
inovação

ivomec.transplante.estaminas
(repetição)
de novo a droga
a erva
o pasto
nada será melhor que um pasto

PIGMENTOS

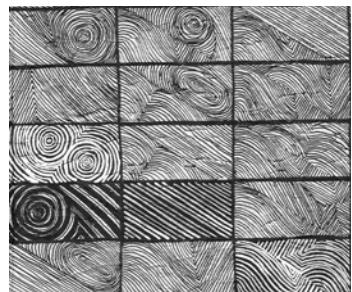
(Talvez procurado por um artista?) RENATO apresenta sedimentos desenhados pela água em meio a mina: lutitos, óxidos ferrosos, quartzitos, feldspatos, enfim, uma curiosa paleta de cores de beleza evidente. ele coleta diversos pigmentos de oxidações diferentes. Em casa tem vidros e sacos com isso.
- É quase uma paleta de cores
- (esse vermelho lindo) – Não precisa falar...
- tem amarelo...

Que o tempo espaçado seja, mas assim percebido seja. Como se fossem ladrilhos coloridos que se enfileiram, sem critério ou medida padrão para cor, apenas o diferencial da cor. (E em si, elas, as cores, entrecruzam em tantos mesmos matizes vizinhos que meus olhos não alcançam mais).

Estou com as botas cheias dágua
pisando no terreno seco
(desconfiar –fio)
tiro as botas
batô a água
tenho os pés
cozidos
ótimos pés
cruzaram a água

(é possível trazer a paz?)

Gozastes os dedos na terra. A areia entre os dedos. As botas em terreno seco.
(desconfia)



BRITADOR

Renato ia enferrujando
Enferrujava
A vida toda perdendo seus pedaços pelo mundo
Até sentir-se vazio
Podia sim encher a lavra

Minhalma tornou-se estilhaços espalhados pelo mundo.
Fundidos úteis
(cena: pedras caem no britador primário)

- Renato caiu no britador primário!
- Quê?!

Acorda sala branca (hospital). Tudo branco: - É um milagre estar vivo. (As pedras me protegeram). Volta vendo cores maravilhosas nas pedras.

A pedra foi quebrada
em partes míнимas
em partes mí nimas
virou grão
(ninguém vê
Ninguém vê)
(oh época triste – deve ter sido sempre assim)

Um dia esclareceu (ele que era tão branco) viu desenhos discernidos nas estrelas, ouviu grunidos desgrudados no ruído, abriu gentil a porta ao desconhecido

Cores chegavam, cada dia uma nova
ou o reforço da mesma
um tom mais claro
tons a mais para o escuro
guardava em meus armários da alma
as novidades aos olhos
tão acostumados a distinguir
objetos, animais peçonhentos,
anjos, armadilhas
apenas em variações de cinza
sabendo-lhes a forma
percebendo-lhes o movimento
e o sentido
Mas nunca antes sabia-lhes
os verdadeiros nomes
ou seus nomes em cores.

Tenho visto piscar luzes coloridas
acima do umbral, dos alisares,
da cabeça do interlocutor,
em meio a praças, ruas,
nas fachadas de prédios,
em nuvens, nas paisagens.
Podem ser meus (seus) nervos
a lhe enganar.
faça um eletro, encéfalo, grama
verdes, verdes, verdes
dão lugares a violetas
e girassóis
tapeteiam o piso
revestem paredes
pipocam panorâmicos
em breves instantes
diante de meus olhos.
Virá – avisam em anunciação.

FINAL

Renato é informado (numa reunião)

Não há mais demandas

a matéria é outra

acabou

Faz/faça o seu trabalho.

- Acabou.

- ?

- Acabou a extração, a montanha está liberada. Agora começa seu projeto.

Quero apenas

que a lavra

me proporcione

a beleza

PÓS FINAL

Um homem parado é um homem útil para fazer alguma coisa.

Corre livre, desprega os pés e as mãos, move, molda, produz, vê, contempla, deduz, avança igual enxurrada em chão ladrilhado. Vai agora Renato fazer o gol engasgado.

(Sou) A vida incrustada na rocha da vida.

Sou um diamante

a pressão me fez/ durante milhares de anos

não peço o lapidar

melhor ser a pedra,

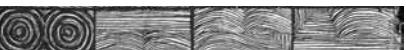
dentro da pedra

no lugar que ninguém vai

Corto todas as coisas

dureza dez

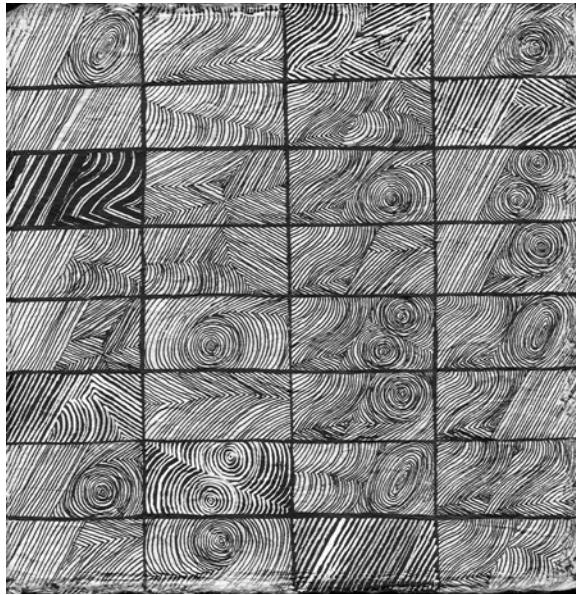
então não é bom que me encontrem

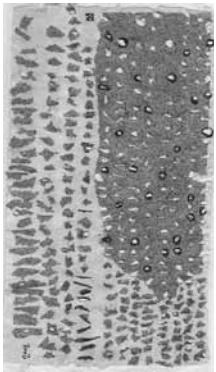


Diamantes são pedras nos rins
da terra
Hematita, tumores a extirpar –
e distribuí-los nas formas de tudo
(Nós humanos) viemos rearranjar
a terra
prepará-la para outros, os próximos.
Olho, o rio ali pedindo que o contorne com árvores, e sei fazer acontecer,
converso com a água
com o barranco
com os vizinhos
e todos ao meu lado
resolvemos
Que ali se limpa o sujo
e entulha o buraco
aberto pela ignorância
- é possível sim remendar
E dividirmos espaço
do buraco, do remendo, do que era
e descobrir seu nome
(renato)

ps - Nasci no sul de minas, divisa com São Paulo; escolhi viver em Belo Horizonte justamente pela posição central em meio a minas diversas. Apesar de não ter me tornado geólogo como pretendia, pude conhecer a extração, processamento, siderurgia e a logística de transporte e exportação de minério. Há alguns anos anotei coros da rocha, frases, situações ligadas ao universo da mineração. Há poucos anos encontrei o personagem Renato: um jovem brilhante que via soluções e avanços na área de extração. Acontece que Renato envelheceu, e o tempo da lavra não é o curto tempo da sua vida. Pretendo redigir esta história como um louvor a pedra e a esperança do homem que sabe falar com ela.

Considero o ambiente de uma mina, com suas estações de britagem, beneficiamento, transporte, e sua dimensão gigantesca na escala humana não apenas uma paisagem privilegiada, mas quase um personagem vivo, aguardando que lhe sejam lidos seus sentidos minerais.





textos cavalos = 1995
(inacabados, não revisados – fica assim – maio 2009)

AGRADECIMENTOS

Jaqueline Guimarães
Jason Barroso
Letícia Ladeira
Marcelo Bortoloti
Patrícia Reis
Pedro Henrique Varoni

Contato: rodolformagalhaes68@gmail.com

TEXTOS

Rodolfo Magalhães

COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA

Letícia Ladeira

PROJETO E EDIÇÃO GRÁFICA

Flávia Guimarães

CAPA E ILUSTRAÇÕES

Mayumi Ito

Impresso em Novembro de 2009.
Miolo em papel Aperg.LD 90gr
Capa em papel Supremo Duo C 300g
Impresso em Belo Horizonte pelo Studio 101
Tiragem: 500 exemplares